

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE ARTES

DEPARTAMENTO DE ARTE DRAMÁTICA

NATASHA VILLAR DA SILVA

**A BUSCA PELO CORPO ATUANTE ENTRE A TEATRALIDADE E A  
PERFORMATIVIDADE A PARTIR DE IMPULSOS DO MEDO**

Porto Alegre

2019

NATASHA VILLAR DA SILVA

**A BUSCA PELO CORPO ATUANTE ENTRE A TEATRALIDADE E A  
PERFORMATIVIDADE A PARTIR DE IMPULSOS DO MEDO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado, como exigência parcial e obrigatória, ao Departamento de Arte Dramática do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, para a obtenção do título de Bacharela em Teatro, com habilitação em Interpretação Teatral.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Camila Bauer

Porto Alegre

2019

NATASHA VILLAR DA SILVA

**A BUSCA PELO CORPO ATUANTE ENTRE A TRATRALIDADE E A  
PERFORMATIVIDADE A PARTIR DE IMPULSOS DO MEDO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado,  
como exigência parcial e obrigatória, ao  
Departamento de Arte Dramática do Instituto  
de Artes da Universidade Federal do Rio  
Grande do Sul, para a obtenção do título de  
Bacharela em Teatro, com habilitação em  
Interpretação Teatral.

Aprovada em \_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

Orientadora:

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Camila Bauer – UFRGS

Banca Examinadora:

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Gisela Habeyche – UFRGS

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Patricia Leonardelli – UFRGS

Porto Alegre,

2019.

**Aos meus.**

“...até que o buraco se cubra e eu esqueça como  
contar 1, 2, 3, 4...”

Agnes Inácio

## AGRADECIMENTOS

À minha mãe, por todas as vezes que investiu o que não tinha em mim, com o argumento de que eu precisava tentar (incluindo o vestibular). Esse diploma é pra ti;

Ao meu pai, por ser meu alívio cômico e o incentivo que eu preciso pra seguir;

Ao Gael, por ser meu pequeno grande gênio e admirador, além de me ensinar tanto sobre amor;

Aos meus avós que sempre apostaram todas as fichas em mim e deram suporte quando precisei;

Ao Sandro e ao Ricardo por me trazerem até aqui e serem meu eixo nos dias bons e ruins;

À Bruna e a Carol por serem minhas irmãs e parceiras fiéis;

À Marina, por dividir angústias e se preocupar comigo mais do que eu mesma;

À Bárbara, pelo apoio incondicional e fundamental sempre;

À Vê, por tudo e por tanto;

À Bruna e ao Daniel, por abraçarem meu projeto e por todas as nossas segundas, quintas, sextas, e os outros dias que sempre se tornaram lindos com vocês;

À outra parte da equipe de “Você dorme quando a noite cai?”: Pedro, Fabiano, Henrique, Bruna, Ricardo, Rodolfo, Sandro, Juliano e Vini, por terem feito acontecer;

À minha orientadora, Camila Bauer, por entender meu funcionamento e aceitá-lo;

À minha banca, Gisela Habeyche e Patricia Leonardelli, pelo olhar generoso;

A todas as professoras e professores do Departamento de Arte Dramática por nos transformarem e ensinarem tanto;

Aos funcionários e funcionárias do DAD, por disponibilizarem um lugar confortável pra nós, alunes;

À barra 16, por naquele primeiro dia me darem certeza de que estava onde deveria estar;

Ao Stéfano e à May, por tudo que ficou e por nos terem feito fortes como vocês foram;

Aos meus amigos e minhas amigas por jamais me deixarem cair;

E à mim mesma, por ter procurado a esperança pra não desistir de viver.

## RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo evidenciar as mudanças de um corpo cênico impulsionado pelo medo, a partir do que me propus a investigar em “Você dorme quando a noite cai?” (Estágio de atuação de Natasha Villar, originado em 2019). Aborda temas como corpo, estado e teatro performance, sempre a partir dessa experiência.

**Palavras-chave:** Teatralidade; Performatividade; Estado; Medo.

## **ABSTRACT**

This research aims to highlight the changes of a scenic body driven by fear, from what I set out to investigate in “Do you sleep when night falls?” (Natasha Villar's acting stage, originated in 2019). It approaches themes such as body, state and performance theater, always from this experience.

**Key-words:** Theatricality; Performativity; State; Fear.

# SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
<b>2 CAPÍTULO 1 – PRÉ-FACE</b>	14
2.1 EU ATRIZ	14
2.2 DIA 1	17
2.3 O MEDO	18
2.3.1 Medo?	19
<b>3 CAPÍTULO 2</b>	22
3.1 A DÚVIDA	22
3.2 DIA 2	23
3.3 O ENCONTRO	24
3.4 VOCÊ DORME QUANDO A NOITE CAI?	26
<b>4 CAPÍTULO 3</b>	28
4.1 O RISCO	28
4.2 DIA 3	29
4.3 O ESTADO	30
4.3.1 A última Cena	30
4.4 A ANÁLISE	31
4.4.1 A segunda/outra/mesma/única Natasha	34
4.5 DIA 4	36

<b>5 CAPÍTULO 4</b>	<b>38</b>
5.1 O AFETO	38
5.2 DIA 5	39
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>41</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>43</b>
<b>APÊNDICE I - TEXTO: VOCÊ DORME QUANDO A NOITE CAI?</b>	<b>45</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho é, antes de tudo, sobre identificação e reconhecimento. Depois, ele é sobre violência tanto quanto resistência, sobre não estar sozinho e ressurgir das cinzas sempre bem acompanhada. Por fim – mas não exatamente o ponto final – esta pesquisa é sobre reverter a lógica; sobre usar do assombro para que as coisas aconteçam.

Portanto, devo, enfim, dizer que o assunto desta escrita talvez não seja o medo, mas sem dúvida alguma ele é o motivo. Não só dessas páginas recheadas por anseios que ecoam pela minha cabeça, como também o impulso de “Você dorme quando a noite cai?”, meu estágio de atuação produzido dentro do Departamento de Arte Dramática, com atuação de Bruna Casali e minha, e direção de Daniel Colin.

Pretende-se evidenciar através de minhas experiências enquanto mulher, lésbica e atriz, na vida real e dentro da cena, o papel fundamental do medo do externo e do risco, lugar onde habitei no espetáculo. Estabelecendo um paralelo entre essa Natasha que vos escreve e uma personagem, focando em estudar exatamente a personagem Natasha, que vive entre elas e é diretamente impulsionada pelo medo.

Passei por inúmeros assuntos-tema em potencial para este trabalho, mas o ano de 2018 chegou e com ele a fase de temor mais evidente que já vivi. Temi por mim e pelos meus e minhas. Assim estabeleceu-se em minha cabeça – até então completamente festiva e disposta a falar sobre a festa – a necessidade de levar esse sentimento que vinha me consumindo por inteira ao meu lugar preferido no mundo: o palco. Acredito veemente que ele é o único lugar capaz de dar conta de mim mesma. A atriz que existe quando nele piso é quem consegue ser quem eu sempre quis ser. É ali que sou completa. É ali que sou.

Por isso entendi que através dele eu saberia dizer o que precisava. Eu saberia expor meus desejos e, principalmente, meus medos. Nossos medos. Agora, tenho como objetivo que seja através desta escrita que algumas de minhas transformações sejam evidenciadas. Sei que devo falar disso porque é de sentimentos compartilhados que somos feitos. Sei que não existo sozinha, e vocês também não.

Começarei falando sobre mim, para que nos conheçamos. Depois reiterarei o porquê desta escrita. Logo em seguida nos reconheceremos pensando no futuro. Para tanto, falarei de passado, de presente e disso tudo que vai além desses três tempos: aquilo que permanece.

Obrigada medo que me faz ser, que me atravessa e me impulsiona.<sup>1</sup>

Obrigada palco, pelo espaço concedido para que outras vidas sejam possíveis.

Obrigada eu-atriz, por ter a coragem de falar o que eu, Natasha, por vezes não tenho.

Sigo, então, as próximas páginas falando de combustível, de resistência, de afeto e dos percalços. Utilizo como base meu estágio e a união em seu sentido literal, essa que sempre foi minha resposta direta para que o medo não fosse capaz de me fazer desistir.

Repito: talvez ele não seja o assunto, mas ele é o motivo. Por isso, não tenhamos medo de sentir medo. Ele nos faz mais forte. Sigamos.

---

<sup>1</sup> Friso aqui que agradeço apenas a ele, e não a quem o causa, seja na circunstância que for.

## O MEIO

Assim era no princípio	Um meio pra não começar
Metáfora pura	Agora depois do começo
Suspensa no ar	Já estou me sentindo
Assim era no princípio	Bem mais à vontade
Só bocas abertas	Talvez já esteja no meio
Inda balbuciantes	Ou começo do meio
Querendo cantar	Porque bem no meio
Por isso que sempre no início	Seria a metade
A gente não sabe como começar	É bom demais estar no meio
Começa porque sem começo	O meio é seguro pra gente cantar
Sem esse pedaço não dá pra avançar	Primeiro, acaba o bloqueio
Mas fica aquele sentimento	E até o que era feio começa a soar
Voltando no tempo faria outro som	Depois todo aquele receio
Porque depois de um certo ponto	Partindo do meio, podia evitar
Tirando o começo até que foi bom	Até para as crianças nascerem
Por isso é melhor ter paciência	Nascendo no meio, não iam chorar
Pois todo começo começa e vai embora	Diria, sem muito rodeio
O problema é saber se já foi	No princípio era o meio
Ou se ainda é começo	E o meio era bom
Porque tem começo que às vezes demora	Depois é que veio o verbo
Que passa um bom tempo	Um pouco mais lerdo
Inda está no começo	Que tornou tudo bem mais difícil
Que passa mais tempo	Criou o natural, criou o artifício
Inda não está na hora	Criou o real, criou o fictício
Tem gente que nunca saiu do começo	Criou o final, criou o início
Mas tem esperança de sair agora	O início que agora deu nisso
Se todo começo é assim	Mas tudo tomou seu lugar
O melhor do começo é o seu fim	Depois do começo passar
Um dia ainda há de chegar	E cada qual com seu canto
Em que todos irão conquistar	Por certo ainda vai encontrar
	Um meio pra nos alegrar

Luiz Tatit

**Figura 1:** música “O Meio”, de Luiz Tatit.

## 2 CAPÍTULO 1 – PRÉ-FACE

Antes de mais nada, muito prazer. Imagino que não faça sentido continuar este trabalho sem antes apresentar quem está o desenvolvendo. Acho conveniente procurar outra forma que não seja falar sobre onde nasci, mapa astral, defeitos e qualidades, mas, sim, sobre o que aqui interessa. Portanto, faço uso de um capítulo do meu Relatório de Estágio (apresentado para a banca em 02/09/2019), pois confio que ele seja fiel ao que acredito ser necessário dizer sobre mim – embora a transformação já seja imensurável mesmo que em apenas 2 meses e meio. Peço licença a mim, para dar voz a mim mesma do passado.

### 2.1 EU ATRIZ

Eu-atriz

Inicialmente bailarina, desde os 8 anos de idade, encaixotada dentro de um corpo de bailarina. Até realmente descobrir meu corpo e ele ser retirado desse padrão por pessoas da dança, enquanto me vi brigando na tentativa de sair dele quando comecei a fazer teatro. Em “Você dorme quando a noite cai?” me senti completamente eu. Inclusive, optamos por carregar nossos próprios nomes. Pensei: "mais uma vez nenhuma novidade, outra peça que vou olhar pra mim mesma e não me ver como atriz, mas sim a Natasha dando um novo texto em uma nova situação”.

Depois de muito pensar, durante a cadeira na qual fizemos nosso projeto de TCC, decidi falar de medo. Tanto quanto no espetáculo. Acontece que, em algum momento, tenho certeza que precisarei falar sobre o medo de decepcionar que senti durante os 4 anos de graduação (pra não dizer durante os 20 anos de vida). Não só a outras pessoas mas a mim também. Eu sou alguém que se cobra muito, que se puxa demais e que, em algum ponto, não sabe quem se é de verdade.

Tive medo de estar em cena com a Bruna e não ser metade da atriz que ela é. Tive medo de ser dirigida pelo Daniel, alguém que já dirigiu tantas atrizes incríveis. Tive medo de dar um texto em que eu dizia que o Márcio tinha me segurado pelas costas, tirado as calças e que o resto eu não lembrava porque tinha sido muito rápido, sendo que eu nunca passei por isso de verdade.

Nesse momento lembrei da cadeira de atuação III, ministrada pela Prof. Patrícia Leonardelli, em que montei, juntamente com Phillipe Coutinho, meu grande amigo e parceiro da maioria das coisas que criei dentro do DAD, o texto “Alice no País das Maravilhas ou 2016 metros de

mordança”, uma adaptação de Alice no País das Maravilhas escrito por Pedro Bertoldi, numa mescla genial com os acontecimentos da ditadura de 1964 em paralelo ao que vivemos no golpe de 2016. Alice, minha personagem, tinha um grande monólogo no qual falava com o governo sobre ter ratos comendo o útero dela, ratos esses que foram colocados dentro dela pelo próprio governo, sem que ela tivesse qualquer mecanismo de defesa. Quando me deparei com esta cena, com toda a coragem do mundo, cheguei até a Pati e disse: "Pati, essa cena não vai acontecer. Eu não tenho como fazer isso". No mesmo instante ela me olhou e disse: "Faz que eu quero ver". Quis morrer, admito, mas desistir realmente não é uma coisa que condiz comigo, muito menos sem tentar. Fiz. Ela me disse com toda a calma e paciência que estava tudo ali, eu só precisava acreditar mais em mim. Descobri que mais uma vez o que me bloqueava era a ideia de que eu não podia pôr em cena aquilo que nunca vivi porque não teria referência para fazer aquilo de forma crível. Então, Natasha, qual é o teu objetivo no teatro? O que te motiva a ser atriz, senão viver vidas que não a tua? Que te abre milhões de possibilidades de ser o que não se é, assim como aquilo que se quer ser? Qual a graça e o desafio de ser atriz quando se escolhe não ir além do que se vive?

Acredito que ser atriz é não só pôr em evidência outras vidas, como também é o nosso dever. Me fiz essas perguntas assim como faço tantas outras todos os dias. A arte é desestabilizadora de uma forma esmagadora. Traz pra perto tanto quanto afasta. Coloca em cheque quem somos nós e o que queremos. Agora, por exemplo, quero falar que ano passado pensei em me desafiar fazendo uma peça no estágio de montagem, que seria um monólogo meu, com muitas personagens diferentes, com corpos diferentes. Era horrorizante pensar em ouvir que no meu último trabalho da graduação eu estaria sendo "muito eu mesma, muito bailarina" e que deveria ter feito algo mais distante de mim. Aquilo era uma ideia fixa, eu queria mostrar e descobrir até onde podia ir.

Pra minha surpresa, percebi que meu maior desafio, na verdade, foi me aceitar. Aceitar o que em mim podia ficar pra trás e o que era importante manter. Aceitar que eu tenho que falar o que é importante pra mim, e não o que me dizem que deveria ser. Sem falar na aceitação que o teatro me trouxe, me fazendo olhar pra dentro: me enxergar como mulher, lésbica, bailarina – sim – e atriz também. Foram inúmeras as vezes que me peguei pensando o quando eu teria o direito de dizer que sou atriz. Quantos trabalhos, quantas aulas, DRT: o que exatamente me faria atriz?

Depois de apresentar meu estágio, ouvi de várias pessoas um dos melhores elogios que já recebi nesses anos: "Nat, na peça até teu nome era o mesmo, mas eu nunca te vi tão distante de ti, tão

entregue, tão viva". O mais importante, preciso sublinhar, é que isso só reforçou o que eu mesma senti. Surpreendentemente, é difícil para além do que pensei colocar-se num corpo cotidiano em cena. O jeito de se mexer, a forma como se fala, a situação. No início cogitei que não seria instável assumir esse papel de forma tão natural, mas foi... E a energia que se busca alcançar para que a cena não decline é gigante. Falando de dentro, posso dizer que foi uma troca realmente viva. Durante os ensaios eu seguia não acreditando em mim, mas acreditei no todo e ele me calou. Procurei lá no fundo a mulher forte que devia representar tantas outras mulheres. Fui procurando a medida certa em cada ensaio, para que eu não afundasse na energia, mas também não parecesse descontrolada. O meio termo é difícil demais, não é? Foi uma pesquisa rápida, bem pro fim do processo, mas o que certamente guardei como algo que preciso manter é a incapacidade de me conformar em algo, de dizer que cheguei no limite e que dessa forma está ótimo. E ainda assim isso requer cuidado, pois, como alguém que se cobra tanto, é perigoso eu pensar que nunca vai estar bom, mas prometo que tudo é a tentativa de encontrar um meio termo.

O bonito disso é que quando dei por mim, agora, me aceitei atriz. Com o corpo, com as facilidades e limitações que eu tenho. Sendo chamada por "Natasha" em cena, com falas muito minhas, com trejeitos completamente meus e reconhecidos por quem me conhece e assistiu a peça: eu era eu. Porque a gente nunca deixa de ser a gente mesmo. Mas eu era eu-atriz. Foi gratificante de uma forma que reafirma todo o meu amor pela arte tanto quanto acaba com minha capacidade de auto sabotagem.

Eu não fiz isso sozinha, inclusive devo agradecer a atrizes como Guadalupe Casal, Hayline Vitória, Qex Bittencourt<sup>2</sup>, entre tantas outras atrizes incríveis que me mostram que é possível dar um texto de forma natural e ainda assim estar viva, presente e potente em cena.

De qualquer forma, foi apenas depois de bater tantas vezes na mesma tecla comigo mesma que eu pude me abrir pra esses ensinamentos e, assim, terminar essa etapa tão importante de um jeito que, pela primeira vez em muito tempo, eu me sentisse orgulhosa de mim mesma.

Sinto-me, portanto, apresentada; agora posso começar a explicar o que exatamente me trouxe até aqui (para além da obrigação acadêmica). Encontro-me na frente deste computador para

---

<sup>2</sup> Propositamente referências do DAD porque me inspiro principalmente em quem está por perto, trabalhando muito e arrasando sempre.

registrar. Para ir contra o esquecimento. Pra saber parte do que vivi, e não foi pouco, nesses anos de graduação, e a forma como hoje eles me fazem pensar.

Pra que eu nunca esqueça desse tanto de universos possíveis em que se pode haver vida.

## 2.2 DIA 1

Se eu contar vai parecer preguiça, procrastinação, muito trabalho acumulado, descaso, uma saúde mental abalada, nenhuma das opções ou muitas delas? Agosto de 2018 foi quando eu tive minha última crise de ansiedade; hoje senti o começo de mais uma. Estou há 6 dias da entrega do TCC em sua primeira versão para minha orientadora. O tempo é curto e eu deixei com que ele encurtasse. Escrevo o que dá, salvo o arquivo, mando pra mim mesma, bebo água, respiro, dou uma volta. Minhas mãos seguem tremendo, uma imensa vontade de chorar. Adianta continuar me obrigando a escrever quando a cabeça não está pronta? E se eu passar a formatura pro próximo semestre? A terapia faz falta. Preciso de um tempo, mesmo que apenas 24h – além de todas que passaram por mim como se eu não necessitasse delas.



**FIGURA 2** – “Ânsias”, laboratório de montagem ministrado pelo Teatro Sarcástico. Fonte: Emilio Speck

### 2.3 O MEDO

Finalmente, o começo. Hoje é o terceiro dia de escrita. Três é um bom número, não? A mim sempre foi. Imagino que seja a hora de falar sobre o que me propus. Penso, também, que tenho falado disso desde que comecei. Implicitamente, sempre estive em cada palavra e em cada parte de mim. Penso, além disso, que o que vou discorrer aqui, é diretamente dedicado (assim proponho) a toda e qualquer pessoa que passa por esse frágil momento desesperador.

Embora eu tenha conversado com meus amigos nos últimos dias e percebido que nem todo mundo sente desta forma, eu sim – e sei que não sou a única. Portanto, não quero dizer o mesmo que ouvi quando alguém me disser que está tomado por angustia em função do desenvolvimento de algum trabalho. “É normal” não foi suficiente pra mim. Não é normal, mas é mais uma fase que precisamos passar e o objetivo é que cresçamos sempre mais. Apenas isso. Portanto, certas coisas que ouvimos não nos ajudam em nada, mas a pausa, o respiro e o ombro amigo, sem sombra de dúvidas, sim.

Quero poder entregar ao menos o início desta pesquisa e mostrar que eu<sup>3</sup> falei sobre um tempo antes desse sentimento que nela tem habitado chegar. Mesmo compartilhando da maior parte das sensações de impotência e incapacidade, este trabalho ficará pronto, acima de todo o desespero, prazo curto e procrastinação (tendo o motivo que tiver, sem julgamento). Quero, no auge da minha modéstia, ser capaz de acalmar e capacitar alguém apenas fazendo com que essa pessoa veja que tudo já está nela.

Assim como sempre fiz arte pra quem me vê, faço isso pra quem for me ler e desejo, de coração, que seja um abraço. Um abraço como uma das formas de resistência, essa que sempre me foi tão necessária desde que me conheço por gente. Resistir a tudo, inclusive a nós mesmos. Nós, que tão facilmente tiramo-nos de nosso próprio eixo; nós, que preferimos aceitar que vai ser difícil antes de tentar; nós, que atam e não desatam – ou nós que desatamos. Desatamos a chorar, a sorrir, a aprender, a levantar, a resistir.

Resiste. Pede mais 10% pra todo esse potencial a ser desenvolvido dentro de ti. É o que eu tenho me pedido. Nós que desatamos a desatar nós. Passamos a vida falando, seria agora que o vocabulário findaria? Jamais. Resiste. Já foi tanto perto do que temos pela frente. Assim como num todo a princípio foi nada perto de tudo que temos pela frente e no fim o que temos mesmo é o agora e o medo. Medo. MEDO. Eu sei o que você sente. Tá tudo bem. Vamos juntos.

---

<sup>3</sup> Com certeza, não só eu.

Que seja um abraço.

### 2.3.1 Medo?

Do que se trata? Quais os teus? E os meus? Tantos...

Do ponto de vista científico:

Nesse sentido, o medo não é só uma reação emocional, contendo crenças por trás. O medo não implica, portanto, uma natureza única e imutável. Trata-se de um sentimento construído historicamente, aprendido e ensinado de formas diferentes, dependendo da época. Existe uma série de emoções que reconhecemos como de medo, e, por um acordo público na língua, há alguns comportamentos que concebemos como de medo. O medo, aqui, é abordado como algo conhecido, pois todos reconhecem o sentimento ou a sensação de medo, ninguém tem dúvida de que sente medo. Pode ser uma reação de fuga, reação de retração, reação de negação, reação de precaução, reação de inibição. Tais reações fazem parte de outros complexos emocionais, mas dotadas de diferentes configurações. A caracterização de medo não é simples e nesse viés, seria diferente de outras emoções parecidas, de terror, de susto, de pavor. É uma tentativa de pensar a emoção a partir desse olhar que não pode descartar ou minimizar a importância do aspecto social. (SANTOS, 2003, p. 50)

Já, a partir da filosofia, Leandro Karnal diz que o medo é uma forma de consciência humana: “Quem não está com medo, não entendeu”, e que se fôssemos ainda citar o medo dentro de uma colocação religiosa, o mesmo certamente povoaria mais as igrejas do que o amor.

Falar sobre o medo não me cai como uma escolha exatamente, mas, principalmente, como uma necessidade. Em 7 anos envolvida com teatro acredito não ter ideia de quantas vezes o medo foi o motivo pelo qual desisti do processo. Tudo que me parecesse desafiador demais automaticamente me faria pensar ser incapaz de realizar o proposto seja ele qual fosse: um exercício, uma cena, uma personagem ou, até mesmo, um espetáculo.

Em meu terceiro laboratório de montagem – e primeiro ministrado pelo Teatro Sarcaustico juntamente com Denis Gosch (pessoas que tenho muito carinho e devo muito de meus aprendizados e ascensão de coragem) –, o texto da peça era “Ânsia”, escrito pela dramaturga Sarah Kane. Quando as inscrições foram abertas, com 15 anos e sem o menor conhecimento da temática, tive uma vontade ardente de fazer parte e pedi (clandestinamente) que me aceitassem. Três semanas após o início das aulas, a mesma vontade ardente: desistir. Aquilo não era pra mim.

Eu só recebi um tema de casa e, perante tantos colegas mais velhos e sem receios (ao menos aparentemente), eu tive medo de me colocar frente a eles. Um dia antes da aula meu corpo

tremia, eu chorava e detectava algo de errado. Sentir medo é errado? A meu ver: errado é a nossa dificuldade em aceitá-lo quando não é causado por outra pessoa efetivamente.

Dos sentimentos mais comuns entre os seres, o medo me paralisou e eu sentia minha voz gaguejar diante de meus pais quando fui dizer que não queria mais. Eles não entenderam e sugeriram uma conversa com meus professores, que também não entenderam e propuseram que eu assistisse as atividades daquele dia.

Foi nada além de cada colega, um por vez, mostrando seus lados mais frágeis em uma simplicidade absurda que me fez entender sobre limite: ninguém ultrapassou o seu, ninguém tentou fazer algo extraordinário e, diferentemente do que eu pensava, eles aparentemente tinham receios sim – e isso não foi um problema, o que me faz admirá-los até hoje. Ali permaneci, ali me desafiei e ali enfrentei meus medos e fragilidades. Num corpo trêmulo em que somente eu habito e só eu mesma posso controlar; que apenas eu entendo até onde pode ir. Improvisei naquele mesmo dia no qual cheguei para ir embora. Uma pequena cena em que o objetivo era mostrar que minha principal fragilidade era o medo de demonstrar que sou frágil assim como qualquer pessoa. Hoje sei que isso é o que me impulsiona e me certifica de que encontrei o lugar onde posso expurgar minhas chamas interiores.

Eu me tornei uma diretora de teatro sabendo inconscientemente que eu teria que usar o terror pessoal da minha vida como artista. Eu tive que aprender a trabalhar em parceria e não com medo em relação a este terror. Eu me senti aliviada em descobrir que o teatro é um espaço útil para concentrar essa energia. Alheio a quase todo caos incontrolável da vida, eu pude criar um espaço de beleza e um senso de comunidade. Nos espaços mais profundos da dúvida e da dificuldade, eu encontrei coragem e inspiração nos meus colaboradores. Tornamo-nos capazes de criar uma atmosfera de boa vontade, intensidade e amor. Eu criei um refúgio para mim, para os atores e para plateias através desta metáfora que é o teatro. (BOGART, 2017)

A partir dessa experiência pude enxergar que a forma menos difícil de lidar com o medo era transformá-lo em impulso para criação. Assumir e aceitá-lo ali, presente, e deixar com que reverberasse em meu corpo de maneira física, exteriorizando o que vem de dentro. Reverter o nervosismo, por exemplo, em estado de presença na cena tentando usar dele para alcançar um determinado ponto energético já que ele nos faz ficar em uma inquietude infundável.

Independente da definição exata deste sentimento ou estado (se é que a palavra “exatidão” se aplica, se formos considerar que ele pode ser explicado de diversas formas e todas estão corretas), digo que o medo que causa frio na barriga, que sobe a adrenalina, que paralisa o corpo ou que nos traz pânico e terror, ainda assim pode ser mote para arte se deixarmos ele brotar. Sim, acredito que seria lindo se nunca tivéssemos precisado senti-lo, mas já que não temos essa escolha, que saibamos usá-lo a nosso favor.

Foi o pavor que senti em 2015 e a abertura que recebi para encará-lo que me fez seguir falando sobre o que me incomoda, e descobrir que é nisso que pode morar a felicidade. Ter espaço. Ter um corpo que aceita, que se faz disponível, que capta o recado, que expõe o medo, que cria, e que está nesse espaço PARA criar. Na cena em que eu estiver, o medo também estará presente e, com ele, a coragem.

## 3 CAPÍTULO 2

### 3.1 A DÚVIDA

Quatro anos passam rápido.

Não sei exatamente o que eu esperei, considerando que os 16 que eu vivi antes da faculdade passaram tão rápido quanto. Analisando a forma como eu tenho agido agora, imagino que tudo até então tenha sido um contínuo estado de fuga. Talvez de negação. Nesse momento minhas mãos suam exatamente como quando eu tinha 7 anos e sofria de ansiedade (não que não sofra mais, só numa proporção consideravelmente menor). Por que eu me encontro mais nervosa agora, sozinha com um computador e um celular, entre quatro paredes, do que quando estou prestes a entrar em cena, me expondo ao olhar do outro? Isso faz algum sentido? Mas, sentido pra quê? Pra quem?

Sinto como se tivesse entrado num túnel do tempo diretamente pro dia em que precisei apresentar o primeiro trabalho na frente dos colegas, com cartolina, margem, letra bonita e cores vivas<sup>4</sup>. A dor no estômago, a vergonha, o pânico do julgamento, do erro, de esquecer todo o texto decorado... é realmente surpreendente que eu tenha me tornado atriz ao mesmo tempo que não surpreende a ninguém. A arte sempre saiu pelos meus poros e por onde mais pudesse aparecer, mas sei que, no fundo, mesmo sempre existindo em mim, ela me transformou, em todos os sentidos da vida, e aí sim pude também nela existir.

Eu sigo nervosa. Quantas foram as vezes que precisei ouvir “Calma, é só mais um trabalho, o nome já diz!”? Quantas foram as vezes que precisei dizer (a mim e a outras pessoas) exatamente essa mesma frase? Uma infinidade de repetições pra que surgisse em mim a coragem de encarar esse momento de frente. A nossa cabeça não é programada pra finais de ciclo e isso nos faz protelar tanto... tudo. Que bom que eu preparei a minha pra funcionar sob pressão, mas reconheço que isso não faz bem. Ela tem brigado bastante comigo.

Calma. Calma. Respira. Meu relatório de estagio me fez ver que escrever é algo que eu gosto sim. Embora nele eu diga que tenho travas na escrita, penso que isso não é o que determina o quanto eu simpatizo com esta ação. Depois de escrever com gosto tudo que diz naquelas páginas, imaginei que este trabalho seria de menos sofrimento. Errei.

---

<sup>4</sup> Muitas vezes com um desenho feito pelo meu pai, porque nem com palitinho eu faria direito.

Errei não só porque, como sempre, eu esperei até o último segundo para efetivar a construção do mesmo, mas também porque este vem carregado de um fim. Preciso evidenciar aqui que os meus pensamentos são tão efêmeros quanto a arte e, por isso, conforme vou escrevendo e refletindo sobre o que digo minha noção de cada tópico amplia e é questionada por mim mesma a ponto de ser absolutamente plausível a presença da contradição em minhas falas.

Imagino que neste momento quem estiver lendo pode se perguntar “por que não apagar e escrever apenas uma versão do que se concluiu?”, certo? Eu me perguntaria. Mas explico que prefiro mostrar na fluência da escrita o quanto é bonito as coisas se modificando, as ideias se transformando. Nada do que imaginamos é fixo e, inclusive, considero este fator inteiramente parte do desenvolvimento de um trabalho. Evidenciar o diálogo comigo mesma. Sendo assim, continuemos.

Não acho que seja exatamente um fim. Pode ser um começo. Pra começar algo precisa do fim de outro algo? Depende? Então, pode ser que seja uma transição. Gosto dessa palavra. E de uma cena transicional bem elaborada também me cai bem. Acontece que independente do nome desta fase, é um momento em que sonhei há tempos atrás.

Eu sempre estive planejada: entrar na faculdade aos 16 (já que estava na sétima aos 11, quando comecei a fazer este cronograma), sair aos 20. Estranho como a gente tem certezas desde sempre e quando se depara na realização delas, parece uma grande surpresa que nos pede tempo para saber como reagir. Dia desses vi um post meu comemorando a aprovação na prova específica. Lembro que foi um dia feliz, quase tanto quanto a aprovação no vestibular. Eu apenas pisquei e me encontro a um passo do diploma.

Querida ter uma tabela completa de quantas vezes reclamei, chorei e pensei em desistir. Pra usar de exemplos em todas as próximas fases dessa vida (que espero ser longa e cheia de desafios). Eu sigo nervosa e segue sendo difícil estar fazendo este trabalho. Tenho medo de dar continuidade. Mas isso não é de hoje. Reflete. Quantas situações te trouxeram o medo de seguir? E se tivéssemos parado, quantos dias incríveis não teríamos vivido? Por isso chegamos aqui. E vamos além.

### 3.2 DIA 2

Que bom efetivar o começo. A mão ainda treme ao digitar mas me sinto melhor, mais calma, e querendo que minha escrita seja um abraço pra quem tem o impulso da fuga. Isso não é um

monstro. É sobre o que somos. Hoje já tenho menos tempo que ontem e agora tenho menos tempo que tinha e mais tempo do que tenho agora, mas me sinto pronta pra falar das minhas angustias. Talvez entendendo que isso possa ser a minha pesquisa. Que saber de mim é uma constante busca e que o teatro vem nisso porque ele é o lugar onde eu mais me encontrei, desde antes de estar efetivamente dentro dele. Me sinto melhor.



**FIGURA 3** – “Missa do Orfanato”, Projeto Ópera na UFRGS, direção: Camila Bauer. Fonte: Adriana Marchiori

### 3.3 O ENCONTRO

Fico me questionando, desde que visualizo esta pesquisa, com a mesma e recorrente pergunta: o quão é importante e interessante falar sobre minhas experiências? Por que sempre que preciso desenvolver algo sobre meu trabalho, não consigo passar reto pela minha vida?

“O trabalho é teu”, minhas amigas dizem. Sim, eu sei. Mas e a teoria? E as referências? E a pesquisa? Onde entra? Dou por mim, caio na vida real. Como é difícil enxergar que a nossa

vida é cheia de pesquisa e não só aquilo que a gente escreve e lê na tela de um computador. Como é difícil ser artista e como é difícil ser um artista que tenta estar à altura da expectativa alheia.

A gente passa se comparando. Por um momento achei que isso fosse coisa da infância, depois da adolescência e hoje vejo que na verdade isso é parte da vida, e do ser humano que insiste em olhar mais para o lado que pra si mesmo. Considero a arte um constante estado de exposição. E pra se expor inicialmente a gente procura por um referencial. De profissionais, ou daqueles que estão no mesmo barco. Nós nos julgamos sempre a partir de um julgamento feito a outra pessoa, que por vezes é imperceptível, não sabemos de onde vem, nem para onde vai, mas (alguns de nós) temos a noção de que ele é completamente dispensável. Não faz bem a ninguém.

Para mim, quem está comigo automaticamente me ensina, me inspira, me incentiva, e sempre de forma recíproca. Com quem não tenho essa relação, procuro estabelecer. São dois trabalhos não usar de forma generosa a presença de quem compartilha de um mesmo objetivo comigo e de minha parte não disponibilizar uma abertura para que haja essa troca.

Temos um mercado tão difícil, e a quantidade de artistas que procuram por outras profissões mesmo amando a arte é a maior prova viva disso. Não é drama, como dizem, apenas porque fazemos arte dramática. A gente tem noção de que o mundo comercial é complicado, e nem todos temos tempo e a chance de ficar tentando até chegar onde no lugar onde nos valorizem. Precisamos nos alimentar, como qualquer pessoa no mundo.

A sociedade nos enquadra nas suas certezas e a maré vem forte. É persistência que desconhecemos pra que consigamos abstrair tudo que ouvimos. Eu sei que a porcentagem de nós que se desesperou nessa fase da vida é assustadora. Eu aprendi que minha hora chegaria. Não é exatamente necessário que o sentimento seja esse, mas a maré me levou, sim. Como já esperado. E hoje me encontro completamente imersa nesse mar de incertezas. Vivo por essa formatura. E agora penso: existe meta após ela? E, existe vida sem metas, sem objetivos?

Assim, nos deparamos com a presença da auto sabotagem, do boicote e afins.

De onde exatamente vem a dúvida de que tenho e seguirei tendo objetivos? Que essa é uma fase difícil e talvez um fim para que outra comece, mas é hipócrita pensar que a dificuldade chega agora. Temos vivido imerso nelas há tanto tempo. Correndo nossos riscos, resistindo nas ruas, nas ocupações, temendo o fim da Universidade Pública, Gratuita, Laica e de Qualidade,

tremendo pela extinção do nosso Ministério, atingidos por golpes, pragas e invasões. É realmente agora que a dificuldade começa?

Viver da arte é uma meta que não se vai junto com a graduação. Do alto do meu privilégio imagino já estar fazendo isso um tanto bem, sendo aqui necessário frisar todo o apoio e estrutura fundamental que sempre tive dentro e fora de casa. Focando especialmente nesta graduação, é indispensável dizer que ela só se faz possível por tanta gente unida em prol do um único objetivo: resistir. Teatro é a arte do encontro. Isso não é à toa. Somos muitos e assim aprendemos.

Também não é à toa que passo a maior parte deste capítulo falando sobre meus questionamentos internos e ainda assim ele se denomina “o encontro”. É a partir de encontro com o outro que encontro as minhas respostas e, assim, se faz possível a continuidade de minha fala.

A energia surge da resistência, da fricção: entre os corpos, os desejos, as perspectivas, os pensamentos. Podemos ir mais longe em uma sala de ensaios ao aceitar o conflito como parte da dinâmica da vida e da criação, ao compreender que não temos que estar sempre de acordo para ser cúmplices, ao celebrar a diferença como possibilidade de descoberta de novas perspectivas... Não obstante, ainda que a ideia de multiplicidade impregne nossa época, muitas vezes, ainda sonhamos com mundos de perfeita harmonia onde todos pensam como nós e nos compreendem perfeitamente, onde nos comportamos de forma homogênea, um universo livre de contradições e controvérsias em equilíbrio perfeito. Entretanto, não criamos a partir do equilíbrio e, sim, do desequilíbrio. (FAGUNDES, 2009, p.37).

### 3.4 VOCÊ DORME QUANDO A NOITE CAI?

Antes de começar o próximo capítulo, introduzo aqui a apresentação escrita por mim sobre meu estágio de atuação, em meu relatório final, pois penso ser indispensável ao leitor o conhecimento em relação ao espetáculo, considerando que esta pesquisa gira em torno do que levou à criação do mesmo e, principalmente, em relação ao estudo sobre o estado em que procurei estar presente na área da atuação:

Retratando a vida de um casal lésbico, nossa peça inicia onde tudo são flores, onde o ambiente é leve e tudo vai bem. Elas estão combinando o prato principal para a janta em que finalmente receberão a mãe de Natasha, quando a mesma recebe mensagens de um homem que ela não conhece, mas ele, por sua vez, parece estar obcecado em conhecê-la. Ao longo da peça as mensagens aumentam e passam a ter tom de ameaça (incluindo falas contra Bruna, sua companheira) pois, mas não só por isso, ela sempre o ignorou. Até que Nina, a gata do casal, é encontrada esfaqueada. Em choque, as duas passam a confabular quem teria feito algo assim e porquê. Ao fim da peça, Márcio, orientador de Natasha e nunca suportado por nenhuma delas, aparece desacordado no meio da casa após ter aparecido de surpresa e agarrado a aluna. E então? O que fazer? (SILVA, 2019, p.4).



**FIGURA 4** – Você dorme quando a noite cai? Fonte: Ricardo Meine.

## 4 CAPÍTULO 3

### 4.1 O RISCO

Às vezes a gente precisa aceitar que nem tudo está em nossos planos e então adaptar para que estejam. Apresentando Você dorme quando a noite cai? me vi em um local de perigo na atuação. Estranho dizer isso porque fazer teatro é estar constantemente em zona de risco. Também acredito não existir um personagem que esteja dominado, possibilitando assim, nos sentirmos confortáveis no palco. Embora eu realmente considere o palco minha casa, ele é lugar de prontidão, de energia, de ação.

Dias atrás, em uma apresentação de "Doralice, a menina descalça", peça infantil que apresento desde janeiro/2017 e na qual interpreto Doralice, o diretor da peça, meu colega e grande amigo Airton de Oliveira brincou dizendo que não colocaria a música da cena na hora certa para me desestabilizar. Eu respondi dizendo que até poderia tentar, mas que não conseguiria. Ele e meus colegas riram e eu mal consegui levar a resposta que dei como uma brincadeira, embora fosse o intuito. Me incomodei com a minha própria fala e isso me gerou uma boa reflexão sobre estar em cena.

A Doralice é a peça que apresento há mais tempo. Dessas que com certeza está internalizada a ponto de eu já ter me observado pensando em qualquer outra coisa enquanto dou os textos. Será que alguém acharia incrível essa capacidade? Eu apenas me sinto mal, porque faço teatro pela presença, pelo encontro. De que vale estar fisicamente quando o resto não está ali?

O automático, a mim, é um recurso para dias que não estivermos bem porque sim, eles chegam, e não para ser usado como uma técnica cotidiana. Apenas reflexões. Sei que me cobro muito e que é natural de toda profissão nem sempre estar por completo em seu ofício. O ponto importante disso, é que tenho receio de algum dia sentir que cheguei em meu máximo e perder a noção de que sempre há para onde evoluir. Lutas constantes, não?

Mas, não esqueçamos que aqui estou pra falar de risco, especificamente da zona em que me vi presente em meu estágio de atuação. Importante dizer que essa foi uma sugestão dada pelas professoras da minha banca, provavelmente porque elas enxergaram uma coisa que eu, de dentro, não pude conquistar a percepção.

No último domingo (dia 17/11) me foi perguntado o que eu achava mais difícil: atuar em peça infantil ou em peça para o público adulto. Na hora eu não soube responder: nunca parei pra pensar, muito menos pra diferenciar essas categorias dentro do trabalho de atriz. Hoje acredito que responderia que acho mais desafiador simplesmente atuar. Estar em cena e ponto. Acho que é por isso que paraliso tanto nesse tópico de comparação. Tudo na vida em algum momento vai ser comparado.

#### 4.2 DIA 3

A quinta que já é sexta. Descobri o início. Uso das palavras de outra pessoa para começar dizendo exatamente o que eu anseio explicar. Lavo o cabelo pra que seja obrigada a fazer algo enquanto ele seca, já diria minha mãe: dormir de cabelo molhado não faz bem. Enquanto isso vou indo, num misto entre querer segurar o tempo e apressá-lo. Volto à prática de escrever ouvindo música. Já diria meu pai: isso faz bem. Chuva cai aqui do lado. Ando supersticiosa. Não sei o que isso quer dizer. Importa? Espero ansiosamente por continuar.



**FIGURA 5** – “Alice no País das Maravilhas ou 2016 metros de mordação”, originada na disciplina “Atuação III”, orientação: Patrícia Leonardelli. Fonte: Qex Bittencourt.

## 4.3 O ESTADO

### 4.3.1 A última cena

Após minha banca de estágio, que me levou diretamente a estudos e reflexões, posso afirmar que, de meu ponto de vista, transito durante quase toda a peça, e de forma imperceptível, entre os conceitos de teatralidade e performatividade. Para que haja entendimento do que aqui quero expor, utilizo do parágrafo de um artigo escrito por Patrícia Leonardelli, Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. do Departamento de Arte Dramática, com embasamento nas falas de Josette Féral:

Enquanto a teatralidade filia-se diretamente à potência efabuladora humana, pois, as dinâmicas de enquadramento ficcional estão ligadas diretamente ao desejo de busca por representações e de construção de narrativas, a performatividade é um campo, de certa forma, anterior de trabalho criativo; uma vez que concerne às forças e efeitos relacionados à ação em si. (LEONARDELLI, 2011 p.11)

A partir desta evidência conceitual, me arriscaria a dizer que, sem intenção, a peça em si caminha entre essas fontes. Explicando-me, a partir de uma tabela feita por Aura Cunha Santos, a autora categoriza Teatralidade e Performatividade, alinhando a cada uma delas suas devidas características.

Santos cita na coluna “Teatralidade” o foco direto no espetáculo como um todo, tanto quanto na recepção de seu público e a prioridade em um resultado final. Já na descrição de “Performatividade”, Santos enfatiza que o foco se faz completamente oposto, antepoendo o performer bem como o olhar direto ao ator e não para o espectador, além de privilegiar a ação e não a totalidade (SANTOS, 2010, p.28).

Em Você dorme quando a noite cai? transitamos entre esses dois conceitos de teatro, podemos então caracterizar-nos como uma peça que bebe do que eu tenho chamado, na tentativa de uma junção entre esses conceitos, “Performatividade”?

Devo dizer que assim me questiono, pois existem fatores relevantes que me guiam até este pensamento. Exemplificando, nossa peça começa partindo da recepção e integração do público ao espetáculo tanto quanto prioriza a ação. Outro ponto determinante é o paradoxo existente entre o foco em um resultado, com todos os recursos que nele possam agregar, de forma reverberante em nosso público enquanto é dele que usamos para que a única mira, sendo muito bem-vinda a exclusão de fatores externos, sejam as atrizes.

Utilizamos de uma construção coletiva para que o espetáculo aconteça. De acordo com o que tenho estudado, visualizo Teatralidade e Performatividade conceitos extremos e, caso fosse necessário, não saberia encaixar a peça em um dos lados. Por isso precisei, antes de aprofundar a fala sobre minha atuação neste espetáculo, falar sobre o mesmo.

Embora não caracterizasse como um problema se fosse o caso, imagino que faça sentido explicar que não foi uma escolha minha (nem de ninguém exatamente) a forma com que atuei. Acredito ter ido ao encontro do que foi levantando-se durante a construção da peça e que genuinamente caí neste local; devo dizer, não me esforcei em nada para dele sair. Esse espetáculo foi uma constante descoberta e um momento certo para experimentação, desde os ensaios, até as apresentações.

Portanto, apresento agora a Natasha, esta que habitou entre o que carinhosamente chamo “eu-personagem”, que, entendo, o entre pode parecer apenas um hífen aos olhos de quem lê, mas comprometo-me em tentar explicar um pouco do imenso universo que vivi enquanto atriz, nesta pequena e bonita corda-bamba.

“O corpo do ator não seria mais um espaço de encarnação de um personagem, não seria mais um mediador das ideias do autor, mas, antes de tudo, seria material e concreto que pode gerar imagens a partir das finalizações de sua própria forma” (SANTOS, 2010, p.36).

#### 4.4 A ANÁLISE

Até então a ênfase foi dada ao meu olhar em relação ao processo e resultado final de “Você dorme quando a noite cai?”, e do quanto a minha posição dentro da cena foi consequência do que vinha acontecendo com o todo. Um fator determinante e que não pode-se deixar de lado é que nunca fui a pessoa mais simpaticante da performance e se tivessem me dito em algum momento que meu estágio beberia desta fonte em muitos recursos, eu não acreditaria.

Acontece que neste caso deve haver um giro na forma enquadrada que até então eu a enxerguei.

De fato, se é evidente que a performance redefiniu os parâmetros permitindo-nos pensar a arte hoje, é evidente também que a prática da performance teve uma incidência radical sobre prática teatral como um todo. Dessa forma, seria preciso destacar também, mais profundamente, essa filiação que opera uma ruptura epistemológica nos termos e adotar a expressão “teatro performativo”. (FÉRAL, 2008).

Fico feliz em ter descoberto primeiro o produto e depois o relacionado com o nome conceitual sugerido por Féral e que por tantas vezes durante a graduação ouvi, imaginando nunca estar ligada diretamente a esta categoria teatral.

Até que meu estágio aconteceu e como dito antes: mal deixou rastros. Foi apenas desenvolvendo meu relatório final que percebi se tratar daquilo que pensei nunca trabalhar. No início desta pesquisa, um nó foi dado em minha cabeça e pensei que seria absolutamente difícil concluir algo em relação ao conceito da peça, pois não se encaixava “lá, nem cá”. E tudo bem.

Hoje, definindo-o como um espetáculo teatro performativo e a mim como atriz performer, consigo visualizar com maior nitidez os blocos em que cada conceito atua individualmente e quando eles acontecem juntos.

O texto de “Você dorme quando a noite cai?” não se divide em atos, mas sim em cenas. No total, são 12 cenas, algumas com texto, outras sem. Algumas delas com inteiração direta com o público pelo aplicativo *Whatsapp*, outras sem nenhuma relação estabelecida. Aproveitando o texto em anexo, falarei sobre cada cena e seus desafios individualmente.

Começo pela Cena 4 que, para mim, é a que une os dois conceitos de forma efetiva e explícita. Neste momento da peça, eu sou responsável por estabelecer diálogo com alguma pessoa da plateia, escolhida por mim. Enquanto Bruna e eu seguimos a cena dialogando, paralelamente eu converso com alguém pelo celular. Esse alguém nem sempre responde, então por vezes eu ainda deveria ir atrás de outra pessoa. Considero a cena em que me vejo mais ativamente como atriz performer, e a que me sinto mais desafiada em quesito atenção e estado de jogo, por ser sempre uma incógnita o que pode acontecer, inclusive com a reação da pessoa-público que está sendo provocada.

As cenas 3 e 9 são as que denominamos “farol”, as únicas em que não me relaciono diretamente com a Bruna, com o público, nem com Fabiano (participação especial na peça). Sinto-me só, de verdade, imersa teatralmente em uma busca profunda pelo medo que me fez querer produzir

este espetáculo, encontrando meus maiores pesadelos e o receio em me deixar dormir, pois tinha a certeza de que eles viriam.

As cenas 1 e 8, por sua vez, tem caráter observatório. Implicitamente, a primeira traz o público como invasores de privacidade alheia e a segunda como cúmplices de um crime. Ambas não estabelecem relações entre atrizes e espectadores, mas acredito que nos afete diretamente como chave de acesso para chegarmos a uma energia específica.

A cena 2 me aproxima de uma personagem e é uma das minhas preferidas, devo admitir. É quando Bruna e Natasha estão bêbadas sob a mesa. Pela primeira vez eu estive em cena sem enxergar nenhum rosto do público, considerando a visão periférica e sem precisar estar de costas. Sinto estar no momento atriz, tanto quanto na cena 7 em que gravei um áudio para o público de maneira desesperada após a morte de Nina. Esse sentimento acontece porque recorro diretamente a memórias em que estive próxima a esses estados. A relação com o público estabelece-se de forma diferente, enquanto eu me sinto em locais bem próximos.

Já a cena 6 é onde alcançamos a performatividade de forma íntegra. Estamos ali sendo porta-vozes de um discurso sem nenhuma máscara ou recursos de atuação. Fazendo perguntas, não obtendo respostas, criticando e reverberando reflexões. Vejo como uma quebra, do que vem antes, e do que vem depois.

Por fim, as cenas 10, 11 e 12 são respectivamente as cenas que: tem o medo como impulso; tem o medo como reverberação corporal; e o medo como aquilo que faz reagir. As duas primeiras sem inteiração com o público e a última com envios diretos de áudios enquanto seguimos fazendo ações. Além disso, essa é única cena em que dirijo meu olhar a plateia, uma atitude básica no fazer teatral que inicialmente pensei que serei difícil deixar de lado, mas a proximidade com outras pessoas e o quanto isso nos oprime me causou o oposto.

Pretendemos seguir com esse espetáculo e imagino que muitas das minhas noções sobre o que é teatro, o que é performance e o que mescla os dois ainda vá mudar inúmeras vezes e não só em relação a esta peça. Mas acho importante dizer que não vejo isso como um problema. Arte é efêmera. Sigamos mudando com os olhos abertos para as possibilidades, o reconhecimento, a análise ativa sobre aquilo que fazemos, a pluralidade e o singular que nasce de tudo que é híbrido.

#### 4.4.1 A segunda/outra/mesma/única Natasha

Ela, uma mulher que carrega meu nome, meu jeito de falar, meu corpo, interpretada por mim, mas vivendo algo que eu não vivi por completo. Assim como tantas outras personagens, é normal que em algum ponto nos distanciássemos. A questão é que este estágio aconteceu por um medo que me rodeou e que precisei pôr em cena.

Eu, Natasha, junto com a Bruna Casali que entende exatamente esse mesmo medo. Como falo em meu relatório: “(...) optamos por carregar nossos nomes, primeiramente porque foi por nós mesmas, mulheres lésbicas, que escolhemos falar. Depois, porque seria difícil demais decidir por um nome que não o nosso, quando poderíamos ser qualquer uma no planeta.”

Desde que penso em falar sobre a tal “zona de risco” sou instantaneamente remetida a falar sobre o risco de estar em cena. É preciso tanta coisa. Controle, equilíbrio, concentração. Concluí, como dito acima, que atuei em meio a teatralidade e a performatividade, de acordo com a fluência da peça, mas isso só aconteceu efetivamente, durante nossos dias de apresentação.

“Lembro que faltando menos de duas semanas me peguei pensando que a atuação em si, de minha parte, estava abandonada. E só percebi isso quando chegamos a última cena textual, onde sinto que foi um constante soco no estômago estar atuando” (SILVA, 2019, p.30).

Sigo meu relatório falando sobre ter demonstrado essa insegurança para meu diretor, Daniel Colin, e minha orientadora, Camila Bauer. A última cena em que dialogávamos tratava-se de um relato meu sobre um ocorrido recente: o orientador de Natasha havia tentado estupra-la e agora estava desacordado em meio a casa. Assim como falo no começo deste trabalho quando me apresento, me senti incapaz de realizar esta cena e passar verdade através de um texto tão difícil.

O verbo é: respirar. Descubro assim, que a zona de risco pode ser considerada um dos muitos estados possíveis de se estar em cena e que este ainda não era conhecido por mim. Ainda assim, considero que a pesquisa por estados seja infinita e de um aprimoramento eterno.

Pensando sobre por quantos estados é possível circular em um mesmo espetáculo, revivo o primeiro impasse que tive durante nossos ensaios: a pesquisa por um corpo cotidiano e

completamente enérgico pois, sim, ainda estamos falando de teatro. Precisei descobrir de onde vinha a presença na primeira cena. Começar a cena “acordando” foi mais um dos desafios que quando se estabelecem primeiramente mal percebemos que é um desafio. Como sempre digo, Dani e a Bruna são pessoas absolutamente generosas que me deram auxílio da primeira à última cena, possibilitando formas e formas de viabilizar que a cena acontecesse e que eu estivesse viva nela.

De todas as coisas que me dão vontade de estar em cena, o momento em que meu tapete é puxado pode ser considerado, certamente, dos meus preferidos. O estado de alerta da cena é algo que levo pra vida, já que do contrário não é suficiente. A cena me exige mais do que o dia a dia. É nela que eu me procuro, me encontro e pra ela me doo 100%.

Assim volto a falar da última cena. Tanto quanto o verbo, o exercício também foi respirar. Me foi pedido para procurar formas de dar aquele texto cheio de palavras tão fortes que explicariam uma situação mais forte ainda partindo da respiração.

Reformulando as palavras de Artaud, funcionei exatamente da forma que ele sugere: a respiração é acesso direto ao sentimento. Mas qual sentimento?

Quando não souber em que lugar deve-se estar, procuro por aquele que te trouxe até aqui: o medo. Medo é sentimento universal. Todo mundo já sentiu. Todos sabemos de que forma ele acontece embora mal saibamos de quantas formas ele pode vir a acontecer. Natasha, como é sentir medo?

É paralisar. É procurar por todos os lados pra tentar descobrir de onde vem o golpe. É sentir toda a água do corpo saindo pelas mãos. É como gritar em um pesadelo, mas a voz não sair. É não ter a certeza de que se está certa e por incrível que pareça preferir realmente não estar. Pode ser que seja estar rodeada de gente, como também pode ser estar sozinha. É a porta que se abre e a gente não sabe quem é. E a porta que se abre e a gente sabe quem é.

Então, acredito que entre outras coisas, sentir medo é existir e se fazer vulnerável ao que por nós passa. É frágil e absurdamente forte ao mesmo tempo. Ao contrário do que pode se pensar, sentir medo é ser corajosa. E a Natasha ela, então ela e a Bruna subverteram a ordem (juntas, mas individualmente também). E eu, por minha vez, subverti a lógica. Deixei com que o medo que me moveu e me fez chegar no resultado final de uma peça, no dia 10 de julho de 2019 após apenas dois meses e meio de ensaio com um espetáculo que supriu todos os meus objetivos e

uma equipe bárbara que me fez seguir acreditando no fazer teatral, aparecesse em mim porque ele é o motivo.

A primeira forma que me identifiquei na atuação foi entender a personagem e ser ponte pra que o sentimento dela fosse exposto. Desta vez, eu transformei o meu medo e todos os outros sentimentos que em mim estavam, pra que eles se tornassem dela também. Assim, juntas, Natasha e eu agimos, gritamos, respiramos fundo, ela dentro de casa, eu dentro do palco-minha casa. Ninguém nos calaria. Descobrimos nosso estado. Nas poucas palavras que conseguimos dizer, dissemos o que precisávamos.

Aura Cunha, partindo do estudo em Patrice Pavis, diz que “o corpo do ator não seria mais um espaço de encarnação de um personagem, não seria mais um mediador das ideias do autor, mas, antes de tudo, seria material e concreto que pode gerar imagens a partir das finalizações de sua própria forma” (SANTOS, 2010, p.36).

O corpo treme, a voz treme, e o controle por vezes até escapo. Depois dessa cena saio direto para o nó. Não mais o da garganta, mas aquele que fizemos em volta da opressão, da violência, do perigo. Natasha e eu, Bruna e Bruna, duas de cada lado, puxamos forte.

Este é o mote que me fez vir por uma linha tênue entre falar do medo que paralisa e o medo que impulsiona. Os motivos imagino agora já serem bem explícitos. Essas tantas facetas de uma parte podre que, infelizmente, se faz viva na humanidade, nos traz a vontade de fugir, de escondermo-nos.

Em contraponto, na busca pelo estado desde que entendi ser dele que primeiramente eu precisava, nos encontramos na presença; nos fizemos presentes. E aí eu pude estar em cena, sem julgamentos, sem pudores, sem medo.

Desta forma, o estado é uma emoção real e vivenciada organicamente pelo ator em suas várias facetas, que são únicas a cada momento aqui-e-agora. Sabendo regular relativamente esta matéria fluídica de sensação, o ator emergido no estado produz presença, pois se encontra inteiro num diálogo para em-si-para-si (PORTA, 2013, p.5).

#### 4.5 DIA 4

Se saísse em palavras o mesmo tanto de lágrimas que saíram agora, o TCC estaria pronto. Tocou no fone a música que eu canto na peça. Instantaneamente desabei. Será que agora eu começo a

entender tudo isso? Que linda essa fase. Que privilégio me formar nessa Universidade. Que honra aprender com tantas profissionais da área, que tem todo o meu amor e admiração. Que sorte olhar pro lado e ver o mundo de gente que vem dando os mesmos passos ou que estão na diagonal dianteira, e me dão a mão pra vir também. Choro de alegria. Acho que começo a entender tudo isso. Me sinto feliz.



**FIGURA 6** – “Neva”, Disciplina de Atelier de Composição e Montagem, orientação: Patrícia Fagundes. Fonte: Laura Metzdorf.

## 5 CAPÍTULO 4 - PARASCAVEDECATRIAFOBIA

Ou

### 5.1 O AFETO

Eu acredito em coincidências, mas sei que essa situação não é uma das muitas que coleciono. Queria deixar com que esse texto fosse realmente o último a ser escrito, mas me encontro em um estado bonito para escrevê-lo. Agora já não tremo mais, mas essas palavras saem como se meus olhos fossem o alto do tobogã e então elas se jogam, deslizando até meus dedos que a transportam pra cá.

Eu tenho escutado a mesma trilha que ouvi em todos os outros trabalhos/artigos/projetos/relatórios que fiz do meio de 2018 até hoje, com a diferença de que agora escrevo em meu quarto e não na sala do apartamento do Sandro.

Sinto um aperto em chegar aqui.

Olho pra todes aqueles que me inspiraram a escrever e que se fazem presentes em boa parte deste trabalho e sinto medo. Em breve eles estarão longe. Em breve eu estarei longe. Quem permanece?

A faculdade foi absurdamente sonhada por nós. Hoje ela chega ao fim. O entendimento disso não é nada simples. Engraçado é que também sonhamos com ele. Que difícil não saber lidar. A gente forma uma família. Famigerada família que escolhemos. Formada por gente que sonha alto e não paralisa por pouco.

Hoje me sinto como a mesma criança que entrou no DAD em 2016. Inocente, ansiosa e sonhadora. O bonito é que agora sonho coletivamente, e não se enganem. Coletivamente não no sentido de compartilhar o mesmo sonho com os meus amigos, mas sim no sentido de que sonho por mim e com eles.

Fico receosa em ser repetitiva, sim, admito. Mas pra mim é indispensável explicar que a minha vida acadêmica só é possível hoje pelos dias em que fui acordada por eles, ouvindo que eu precisava levantar e ir pra aula, sim. A minha mão nunca foi segurada de forma tão forte. Eles

não me soltaram, não me deram brecha pra escapar, e hoje eu sou grata. É por isso que este fim, que não sabemos pra onde vai nos levar, eu só posso escrever para eles.

Quando o buraco se cobrisse e houvesse o esquecimento sobre como se conta até 4... eu ainda assim lembraria de vocês.

Parascavedecatriafobia é o medo do dia em que apresento à minha banca. 13/12/2019. Uma sexta-feira 13. Peço licença pra utilizar desse termo para também nomear o medo do último dia. O dia final. Aqui estamos.

## 5.2 DIA 5

Me sinto pronta para as últimas palavras. Aliviada em algum ponto, ansiosa em outro, sem medo, mas com a noção de que logo ele volta e me joga novamente em uma zona de risco. Tudo bem. Eu me encontro disposta a procurar pelo estado que me faça presente. E, assim, uma mulher atriz reflexiva, caminhante, em busca sempre, receosa às vezes e paralisada nunca.



**FIGURA 7** – “Você dorme quando a noite cai?”. Fonte: Ricardo Meine.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chego aqui e espero por vocês. Se é que não são vocês que já esperam por mim. Quis, por meio desta pesquisa, falar por tantas de nós. Que sofremos dia a dia, mas que resistimos. Quis falar também por outras tantas pessoas, simplesmente por entender que o lugar que ocupo dentro desta Universidade deve ser bem aproveitado. Eu procuro atuar no palco. E representar (quem posso) pela fala.

Em que estado nos encontramos agora? Para alguém que foge tanto da escrita, penso estar me tornando amante dela. Por vezes quis fazer deste trabalho um texto dramaturgico. Por outras pensei em fazê-lo no formato documentário. Por fim, aqui está ele em seu formato padrão.

Tem medos que me fizeram chegar aqui. Tem outros medos que me fizeram chegar somente até aqui. Haja respeito e simplesmente ele. Me respeito, te respeito, sou respeitada. A academia me ensinou a enxergar os limites, mesmo que as últimas sessões do meu estágio eu tenha apresentado com o dedo enfaixado porque às vezes não é nítido até onde podemos ir, principalmente em cena. Mas, eu sigo achando que de qualquer forma o importante é ir.

Agora me questiono de que valeria vir sozinha. A melhor parte atualmente é a troca entre nós que estamos nessa fase. É falar “falta pouco!” e ser encorajada também. CORAGEM! Nunca nos faltou. Nascemos da arte e a arte nasce de nós. Coragem nunca nos faltará. Nem mesmo enquanto sozinhos, mas torço pra que nunca estejamos.

O tempo nos atropelou e hoje sinto um estranho vazio em estar escrevendo pela última vez enquanto graduanda. Tem momentos em que eu queria voltar pra quando me disseram pra aproveitar porque passa rápido. Atualmente me tornei a pessoa que fala isso. Que bonito crescer, não? Tomar novos rumos e ver os meus pedaços tomando os rumos deles também. Com medo mesmo. Na zona de risco.

Que graça teria a vida se não fosse a incerteza daquilo que não se vê? Que tenhamos a simplicidade de enxergarmos o lado bom sempre. Que a linha tênue não seja um problema e sim um caminho. Que o palco seja casa e a arte o nosso universo. Que a palavra seja o nosso encontro e o nosso encontro seja energia. União. Emoção. Estado. Estar. Estou. Sigo. Sendo. Sim. Sempre. Ar.

Existamos. Resistamos. O tempo passa e essa não é a questão, mas sim estar de braços abertos para o tempo que está por vir. E sempre firme. Ele vem carregado de medo e diretamente ao encontro de outros que já estão conosco. Então nesse momento teremos a coragem, a ação e mais tempo. Sempre mais. Mas não contemos com isso.

De qualquer forma, até agora tem sido suficiente.

Pra que nunca esqueçamos: confiemos e acreditemos em nós mesmos.

Independente de quantas vezes o tempo nos transforme.

E que ele nunca deixe de fazê-lo.

## REFERÊNCIAS

- ANTONIN, Artaud. O teatro e seu duplo. Disponível em: <[http://www.acervonivaldacosta.com/pdf/Livro\\_1.pdf](http://www.acervonivaldacosta.com/pdf/Livro_1.pdf)> Acesso em: 21 nov 2019.
- BIANCALANA, Gisela Reis. A presença performativa nas artes da cena e a improvisação. UFSM, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbep/v1n1/2237-2660-rbep-1-01-00121.pdf>> Acesso em: 20 nov. 2019.
- BOGART, Anne. Terror, desorientação e dificuldade. Tradução de Diogo Liberano. 2010. Disponível em: <<http://desesperandogodot.blogspot.com/2010/03/terror-desorientacao-e-dificuldade-de.html>>. Acesso em.: 1º dez. 2019.
- BONFITTO, Matteo. O trabalho do ator e o trabalho do performer: tensões, vazios e zonas de imbricações. UNICAMP, 2010. Disponível em: <<http://portalabrace.org/vicongresso/territorios/Matteo%20Bonfitto.pdf>>. Acesso em.: 3 dez. 2019.
- CARREIRA, André. Teatro performativo e a cidade como território. 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufop.br/pp/index.php/raf/article/view/575/531>>. Acesso em 23 nov 2019.
- FAGUNDES, Silvia Patrícia. O teatro como um estado de encontro. Revista CENA 7. Disponível em: <[https://www.academia.edu/9081544/O\\_TEATRO\\_COMO\\_UM\\_ESTADO\\_DE\\_ENCONTR](https://www.academia.edu/9081544/O_TEATRO_COMO_UM_ESTADO_DE_ENCONTR) O>. Acesso em: 23 nov. 2019.
- FÉRAL, Josette. Por uma poética da performatividade: o teatro performativo. QUEBÉC, 2008. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/57370>>. Acesso.: 2 dez. 2019.
- INÁCIO, Agnes. Poesia introdução da música “Interestelar” – Mulamba. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Zt0sFVpBZPo>>.
- KARNAL, LEANDRO. Café Fisológico: Medo e Temor. 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=O5I8v8zgigs&feature=youtu.be>>. Acesso em.: 3 dez. 2019.
- LAPORTA, Marcos Bittencourt. A prática do estado como um treinamento psico-físico do ator. UDESC, 2013. Disponível em: <<http://www.atuarproducoes.com.br/jornada2013/includes/artigos/Stani%20l%20vski%20e%20a%20Teatralidade/Marcos%20Bittencourt%20LaportaUDESC%20-%20UNIVERSIDADE%20DO%20ESTADO%20DE%20SANTA%20CATARINA.pdf>>. Acesso em: 23 nov. 2019.
- LEONARDELLI, Patrícia. Teatralidade e performatividade: espaços em devir. Espaço do Devir. Revista, CENA 10. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/cena/article/view/20891/15303>> Acesso em 22 nov 2019.
- PAVIS, Patrice. Dicionário de teatro. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- SANTOS, Aura Cunha. O ator na cena contemporânea: corpo, imagem e ação. USP, 2010. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27155/tde-01122010-095214/publico/3406620.pdf>>. Acesso em 21 nov. 2019.

SANTOS, Luciana Oliveira dos. O Medo contemporâneo: abordando suas diferentes dimensões. PSICOLOGIA CIÊNCIA E PROFISSÃO, 2003. Disponível em.: <<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v23n2/v23n2a08.pdf>>. Acesso em.: 21 nov. 2019.

## APÊNDICE 1 – TEXTO: VOCÊ DORME QUANDO A NOITE CAI?

### CENA 1

As duas mulheres estão deitadas na cama. Quatro homens se aproximam. Um deles fotografa-as e encaminha a imagem para o grupo. Outro envia links de matérias retratando crimes contra mulheres (ou) lgbtq+. Altera-se a luz, o som, eles se afastam. Natasha canta "Interestelar".

BRUNA – No começo era escuridão. Eu não poderia descrever a cor dos seus olhos ou como seus lábios repousam um no outro. E você também não poderia dizer exatamente a posição da minha língua no céu da boca. Eu lembro exatamente do momento tudo parou e e eu ouvi

NATASHA - AI CU DE MERDA!

BRUNA - E eu pensei "nossa, que voz linda ela tem". Aí a luz voltou e o elevador começou a subir de novo. Eu lembro da tua cara de assustada e da minha tentando não transparecer a claustrofobia. Acho que eu nunca te contei mas eu descí no mesmo andar que o teu porque fiquei com medo de subir mais 3 sozinha. Eu lembro de como a gente riu dessa situação sem nem imaginar que esse seria apenas o nosso primeiro encontro. E eu só conseguia pensar "quando é que eu vou ver a menina do elevador de novo?" Depois disso vieram muitos outros elevadores, encontros e corridas sozinhas no centro da cidade. Você lembra como foi divertido correr no centro a noite sem medo nenhum? A gente não tinha medo. Juntas. Duas mulheres juntas são foda pra caralho. Foi isso que você disse.

NATASHA - (rindo) Não. Eu disse que duas mulheres juntas são foda pra buceta. Não tem porque colocar homem no meio.

BRUNA - É verdade. Foi isso que você disse.

NATASHA – Bruna!!!! Acorda! Eu preciso te contar meu sonho! BRUNA – Que?

NATASHA – Acorda! Olha só! A gente tava num show da Ivete Sangalo, aí do nada a banda era formada pelos nossos pais. Muito louco. Aí peguei meu celular pra tirar uma foto. No que eu bati a foto a gente foi parar num avião, tava rolando uma festa a fantasia, tinha muita gente conhecida pulando, bebendo, ou seja, surreal (não que a banda formada pelos nossos pais fosse

super possível) e aí estava eu belíssima com uma cerveja na mão, quando tu vem, tira a cerveja da minha mão e diz “eee, tu não pode beber, bonitinha, tem que cuidar de vocês duas!” e aí eu descubro em mim uma barriga imensa de uns 7 meses de gravidez e inclusive eu tava linda demais.

BRUNA – Oinnnn! Que amor!

NATASHA – Sim! E era uma menina!

BRUNA – A gente já tinha dado nome?

NATASHA – Olívia. Tu gosta?

BRUNA – Ah não Natasha, é que Olivia me lembra azeite.

NATASHA – Olívia, Oliva, meu anjo, uma coisa é uma coisa, outra coisa é outra coisa.

BRUNA - Não, pra mim não dá.

NATASHA - Bom, escolha outros 3 nomes então.

BRUNA – Como assim?

NATASHA – Ué, eu quero ter três filhas!

BRUNA – Ah sim, só isso?

NATASHA – É meu sonho desde criança!! Eu tinha até o nome delas! Era Síria, Tunísia e Polônia. Nessa ordem.

BRUNA – Síria, Tunísia e Polônia, Natasha?! Ah tá!

NATASHA – Ok, não precisa mais ser esses nomes. Aceito Olívia, Lua e Alice.

BRUNA – Muito ruim, Lua a criança vai sofrer *bullying*, tu não sabe escolher nome né meu amor, coitadinha.

NATASHA – Aff, tu tá chata hoje, sabia? BRUNA - Aham, e tu não quer mais nada né?

NATASHA - Quero.

BRUNA – O que?

NATASHA – Pular no teu colo, mas a gente certamente vai se estabacar.

BRUNA – Não vai nada, vem.

NATASHA – Mas é que tem uma coisa que eu queria mais ainda.

BRUNA – A pronto. O quê?

NATASHA - Faltar aula. E poder ficar o dia inteiro contigo e a Nina, comer pipoca, assistir série e matar a saudade dos velhos tempos.

BRUNA – E matar a saudade dos velhos tempos significa ficar em casa comigo e a Nina sem fazer nada? Natasha, eu trabalho em casa!

NATASHA – Mas não foi uma ideia maravilhosa? Óbvio que foi.

BRUNA – Seria. Mas a minha namorada é uma mulher muito ocupada, uma futura mestra e eu conheço ela muito bem a ponto de saber que se ela não for pra aula hoje, vai ficar duas semanas se lamentando porque perdeu um dia importantíssimo como qualquer outro pra conclusão desse mestrado.

NATASHA – Ahhhhhhh, tem razão. Eu vou pra aula. Mas olha só, preciso que tu vá na feira.

BRUNA – Eu já fui ontem.

NATASHA - É que isso foi antes de tu saber que a gente vai receber visita.

BRUNA – Quem?

NATASHA – Adivinha.

BRUNA – Ah, não, Natasha. O teu orientador vai vir pra cá de novo? Tu já vai encontrar ele hoje e tu sabe que eu não gosto desse cara. Ele vive te botando pra baixo, dizendo que tu não tá dando teu melhor, que não sabe escrever...

NATASHA – Eu sei, eu sei. Sei que a convivência tá difícil. Tá sendo horrível pra mim mas pensa que tá no fim! Inclusive eu te contei que esses dias a Ju veio me dizer que uma menina tava querendo processar ele, porque ele foi absurdamente estúpido com ela a troco de nada, na frente de todo mundo???

BRUNA - Sim, né, homem

NATASHA - Homem, exatamente. Mas não. Não é ele.

BRUNA – Ah não? Então quem é? (...) Ah, jura. Natasha, a gente já tentou que ela viesse aqui milhares de vezes e ela nunca aceitou.

NATASHA – Mas eu tô falando sério. Ela vem. Eu conversei, ela tá disposta a vir aqui, conversar, te conhecer, conhecer a nossa casa...

BRUNA – Ela te deu certeza que vem?

NATASHA – Sim!

BRUNA – Então eu vou fazer uma coisa simples tá? E eu vou ter que passar na feira.

NATASHA – Foi o que eu disse.

BRUNA - Tá. Então te arruma pra aula, eu vou dar um jeito em algumas coisas. Meu deus, o banheiro. Quando tu chegar, por favor, arruma esse banheiro.

NATASHA – Ah não.

BRUNA- E a Nina? A gente vai ter que deixar ela na casa de alguém porque tua mãe não gosta de gato.

NATASHA – Nem pensar, a Nina mora aqui. Ela que não reclame.

BRUNA – Acho que eu vou fazer uma massa, ou será que uma coisa mais elaborada?

NATASHA - Não precisa de banquete! Vou fazer uma sobremesa simples também. (Falam ingredientes até que a primeira mensagem de ameaça é projetada sobre a mesa)

## CENA 2

(Sob a mesa, as duas riem)

NATASHA - Tá, assunto sério. Eu sou mulher e eu falo com essa pessoa?

BRUNA - Não mais?

NATASHA - Ah, então eu morri????

BRUNA - A resposta foi não, Natasha! E eu sou homem, chato, eu sou o Daniel?

NATASHA - Não. Eu sou da faculdade?

BRUNA - SIM!

NATASHA - Ah, por isso que não falo mais. Não sobrou ninguém.

BRUNA - Ai, Natasha que "tristreira".

NATASHA - Muito triste! Mas tá, então eu sou a Laura?

BRUNA - Nem sei quem é Laura, Natasha.

NATASHA - Grossa.

BRUNA - Nem fui. Tá, eu sou o Ricardo? O Maurício? O Pedro?

NATASHA - CALMA BRUNA. Não é nenhum deles. Eu sou a Duda?

BRUNA - Também não. Ai, tá muito difícil. Me dá uma dica.

NATASHA - Vou te dar uma dica maravilhosa ó: (abre as pernas e apontam para baixo) agora tá muito fácil.

BRUNA - Mas que merda de dica é essa? Eu sou o cara que veio trocar o piso? NATASHA - AF, tu tá muito lenta. Eu gosto bastante dessa pessoa?

BRUNA - Bom, daí se tu gosta é um problema que é teu.

(...)

NATASHA - Ah, não. Tu não fez isso. Eu sou a Vanessa, Bruna?

BRUNA - Siiiiiiiiim!

NATASHA - Ai, mas que ridículo, supera minha ex, Bruna, até eu já esqueci.

BRUNA - Ah, sim, porque eu sou alguém muito melhor né: Seu Olavo do 514. Natasha, esse homem nos odeia.

NATASHA - (gravando áudio) VANESSA TU NÃO VAI ACREDITAR

BRUNA - SEU OLAVOOOO! A GENTE TE AMA SEU OLAVO, NÃO PRECISA ODIAR AS PESSOAS.

NATASHA - shhhhh, Bruna, para de gritar. A GENTE TAVA JOGANDO UM NEGÓCIO AQUI DE PÔR NA TESTA E ADIVINHA QUEM EU ERA? TU

BRUNA - MAIS AMOR NO CORAÇÃO SEU OLAVO, MAIS AMOR NO CORAÇÃO

NATASHA - NÃO FOI UMA PÉSSIMA IDEIA? EU ACHO Q SIM. BEIJO VANESSA SAUDADES!

BRUNA - BOA NOITE SEU OL...

NATASHA - Bruna! Chega! O horário de silêncio!!!! BRUNA - Eu tenho uma notícia muito triste: acabou o vinho. NATASHA- Ah não.

BRUNA - Vai lá pegar outro na geladeira.

NATASHA - Ah, amor, vai tu.

BRUNA - Não, eu já me deitei.

NATASHA - Par!

BRUNA - Impar.

NATASHA - Tá, tô indo, mas não dorme.

BRUNA - Não, eu tô bem alerta.

Natasha sai debaixo da mesa.

BRUNA - EU TE AMO NATASHA!

NATASHA - SHHHHHHHH! Eu também te amo, mulher! Projeção com mensagens do homem:

"Se tu me ignorar de novo, vou até aí e fodo vocês duas bêbadas." NATASHA - Bruna, eu não quero mais beber.

### CENA 3

Farol - Pesadelo 1 - homem iluminando de fora da cena.

### CENA 4

Arrumam o lençol/toalha de mesa. Bruna sai de cena.

NATASHA - (em áudio pra alguém da plateia) Eu não acredito que tu não vem de novo! Tem algum motivo plausível dessa vez ou é só a intolerância de sempre? Mãe, a gente organizou todo nosso dia pra te receber, a Bruna fez uma janta enorme, tu acha que isso é brincadeira? Entende de uma vez por todas que a tua ausência não vai me fazer deixar de namorar uma mulher!

BRUNA - Tá tudo bem?

NATASHA - Sim, só tava resolvendo umas coisas importantes.

BRUNA - Chega de trabalhar! A gente tá numa noite importante! Em família! NATASHA - Família?

BRUNA - Sim. Eu, tu e a tua mãe.

NATASHA - Não. Eu, tu e a Nina, minha mãe não tem nada a ver com isso.

BRUNA - Ah, falando em Nina. (pega o celular e grava áudio) "Mari! A gente queria te agradecer muito por ter ficado com a Nina

NATASHA - (interferindo) NÃO TINHA A MENOR NECESSIDADE MAS BRIGADA!

BRUNA - Ai, a Natasha tá de mau humor hoje. Enfim, amanhã de manhã a gente vai buscar a Nina, tá bem AI MERDA MERDA MERDA "

NATASHA - Queimou?

BRUNA - Não.

NATASHA - Ótimo. Quando tu voltar traz algo pra gente beber, tipo um vinho porque eu tô seca e água não me adianta. Põe uma música também que tô achando o ambiente meio pesado. (grava áudio) Mãe???? Tu realmente não vai vir?

BRUNA (entrando com o trecho "Você não gosta de mim, mas sua filha gosta") - Tim - tim?

NATASHA - A quem?

BRUNA - À tua mãe que aceitou vir aqui pela primeira vez.

NATASHA - Ihh, não tá merecendo.

BRUNA - Mas tá de mau humor mesmo hein?

NATASHA - Não tô de mau humor, só fiz um comentário.

BRUNA - Não tá mas já reclamou da Nina, da música...

NATASHA - Para com isso, Bruna, eu não reclamei de nada.

BRUNA - Então dá pra tirar essa cara de cu?

NATASHA - MAS QUE INFERNO, BRUNA, EU JÁ DISSE QUE TO ÓTIMA. DÁ PRA DEIXAR EU RESOLVER AS COISAS TRANQUILA?

Bruna sai.

NATASHA - (...) Desculpa, não quis ser grossa.

BRUNA - Mas foi.

NATASHA - Tá e tu me desculpa? Não foi por mal, tu sabe.

BRUNA - Eu vou te desculpar só porque te amo e me esmerei muito nessa janta. NATASHA - UAU!

BRUNA - Ela tá demorando né? Deve ser o trânsito. Se tem um motivo que me faria sair dessa cidade seria o trânsito. Nem que...

Bruna fala sobre um ocorrido dos últimos dias enquanto Natasha finaliza a briga com a mãe que não vem.

BRUNA - NATASHA! Tá me ouvindo? NATASHA - Tô.

BRUNA - Será que tu pode prestar atenção em mim? Eu tô nervosa, não sei se tua mãe vai gostar de mim.

NATASHA - Um dia ela vai.

BRUNA - Como assim? Que que tá acontecendo?

NATASHA - Ela não vem, Bruna.

BRUNA - Que? Mas ela tá bem?

NATASHA - Tá ótima, ela só precisa de mais tempo.

BRUNA - Mais tempo? A gente namora há dois anos e ela precisa de mais tempo? NATASHA - Eu também acho ridículo mas não tenho como amarrar a mulher e trazer pra cá. BRUNA - Ela realmente aceitou vir ou tu inventou tudo isso?

NATASHA - Tu tá duvidando de mim? Olha a conversa então. (joga o celular)

BRUNA - Ah, era com ela que tu tava falando inclusive (gravando áudio) Oi, dona Camila. Eu sinto muito que a senhora não possa ter vindo hoje, mas a gente pode marcar outro dia, como ficar melhor pra senhora. Eu só acho que esse encontro precisa muito acontecer.

NATASHA - Por que tu não desiste? Não adianta, ela não vai te conhecer, não vai te aceitar, e tu não vai te juntar com as outras noras no almoço de domingo pra falar sobre a vida de casal, mas tu não precisa disso, entende? PARA, VAMO JANTAR!

BRUNA- Eu perdi a fome.

NATASHA - Bruna, eu sei o quanto isso é importante. Eu vi o quanto tu te dedicou, pra mim também é, mais do que pra ti inclusive porque ela é minha mãe!

Discutem fora de cena. Voltam.

NATASHA - Eu só não entendo o porquê disso, porque a gente sempre foi muito feliz sem ela. Sem a bênção dela.

BRUNA - Não é questão de bênção. Eu só queria que as pessoas nos respeitassem e enxergassem como uma família.

NATASHA - Mas a gente é uma família.

BRUNA - Ah, a gente é?

Bruna sai.

NATASHA (gravando áudio) - Obrigada, mãe. Muito obrigada por mais essa. Bruna volta.

NATASHA - Eu vou continuar tentando tá? Também é importante pra mim. BRUNA - Eu sei, vou dormir.

NATASHA - Boa noite.

## CENA 5

Monólogo Bruna.

BRUNA - Eu consigo sentir o meu coração pulsando nas pontas dos meus dedos, a minha respiração ficar acelerada e os meus músculos se contraírem. Quando eu me dou por conta os meus punhos já estão cerrados. Dizem que o coração de um adulto tem mais ou menos o tamanho de uma mão fechada. Será? 1 2 3 4... Do tamanho de uma mão fechada! O medo é uma coisa muito perigosa... A gente nunca sabe como vai reagir. A gente nunca sabe quando o medo vai se tornar maior que a gente. Eu paraliso, congelo, tensiono, protejo e cerro os punhos. 1 2 3 4... Eu nunca bati em ninguém, mas já tive vontade... É horrível, eu sei. A gente reclama da violência lá fora, mas aqui dentro... aqui dentro tudo reverbera de uma maneira esquisita, e disso eu tenho medo. Medo do que o medo faz comigo. Eu não sei nem se isso faz sentido... Vontade de revidar todas as mensagens palavras afrontas cuspidas ofensas agressões de punhos cerrados. Respira... 1 2 3 4... calma! Eu sou uma pessoa calma, eu sou uma boa pessoa. Eu tento ser uma boa pessoa, mas quando eu me dou por conta os meus punhos já estão cerrados, do tamanho de um coração.

Agora eu entendo quando tu dizia que tinha medo do que podia acontecer comigo na rua, mãe...

## CENA 6.

Jogo "Quem sou eu?" Na testa, nomes como "Marielle Franco, Elisa Samúdio e Matheusa".

"Eu sou mulher, negra, jovem, lésbica e eu morri?"

"Eu sou uma menina, fui sequestrada... eu fui assassinada?" "Eu sou mulher, modelo, e eu fui esquartejada?"

"Eu sou uma mulher *trans* e fui morta?"

"Eu sou uma atriz e fui assassinada?"

"Eu sou mulher e ainda não morri?"

"Eu sou mulher e tenho medo de ser assassinada?"

"Eu sou uma menina e eu tô morta?"

"Eu sou mulher e eu ainda não fui assassinada."

"Eu sou mulher e eu morri?" "Eu morri?"

"Eu sou a Nina?"

#### CENA 7.

Procuram a gata até que a mesma caia morta sobre a mesa.

NATASHA - Oi, gente. Aqui é a Natasha do 713. Aconteceu uma coisa horrível. A nossa gata, a Nina, acabamos de encontrar ela morta. Esfaqueada pra ser mais exata. E eu queria saber se alguém viu ela circulando ainda hoje, ou se alguém ouviu os gritos delas, ou se vocês sabem como consigo registros da câmera de segurança do prédio, enfim. Desculpa incomodar, eu nem sei o quanto isso vai adiantar, de qualquer forma ela já tá morta, mas é importante pra nós, e a gente tá bem nervosa. Obrigada.

#### CENA 8.

As duas sobre a mesa.

NATASHA - Que merda foi essa? Quem fez isso? Que monstro faria isso?

BRUNA - Por que alguém ia querer matar uma gata? Ninguém respondeu no grupo do *whats*?

NATASHA - Será que é alguém próximo a nós?

BRUNA - A Nina incomodou alguém algum dia? Alguém já reclamou dela? Tu lembra de alguém vir aqui falar sobre?

NATASHA - Mas será que é alguém do prédio?

BRUNA - Por que algum vizinho faria isso? A gente podia ligar pro síndico né?

NATASHA - Tu acha mesmo que vai adiantar? E se foi o próprio síndico tentando nos fazer ir embora daqui?

BRUNA - Por que ele faria isso?

NATASHA - Não é óbvio?

BRUNA - Então tu acha que tem a ver com a gente? NATASHA - O que mais diferencia a gente do resto? BRUNA - Tu sente que as pessoas não nos respeitam aqui?

NATASHA - Tu sempre te sentiu respeitada? Desde que a gente chegou? Quantas vezes tu sentiu a necessidade de soltar a minha mão pros vizinhos não ficarem comentando? Tu acha que o Seu Olavo do 514 acha super de boa dividir o elevador com a gente? Por que alguém ia querer matar uma gata?

BRUNA - O que a gente faz agora?

NATASHA - Tu também tá com muito medo?

BRUNA - Tu ouviu esse barulho?

NATASHA - Tu acha que vai ficar só na Nina e que vão deixar a gente em paz? BRUNA - Então tu tem certeza que tem a ver com a gente?

NATASHA - E se não é alguém do prédio?

BRUNA - Mas se foi alguém de fora, então quem foi?

CENA 9.

Farol. Homem ilumina de dentro da cena.

Áudio Natasha tocando nos celulares: "Eu não entendia como alguém poderia ser tão vazio a ponto de fazer uma coisa daquelas. Como alguém consegue esfaquear uma gata olhando nos olhos dela, ouvindo o seu desespero e continuar? Como? Eu recebi uma notícia no celular de

uma mulher trans que teve seu coração arrancado e o assassino disse que ela era o demônio. Talvez isso explique um pouco. Ou não. Acho que essas coisas nunca encontram uma explicação plausível. Desculpe. Eu estou misturando as coisas. Ou não. Talvez tudo esteja mesmo interligado. A Nina era maravilhosa. Era um pedaço meu. Uma filha. Quando eu falo pras pessoas que eu estou de luto e elas me perguntam por quem e eu digo, elas ficam espantadas e logo o seu olhar de compaixão se transforma em um “você tem que superar” enquanto me indicam uma ONG que doa animais. Amor não é substituível. E também não é sobre a Nina. É sobre nós duas. A família que nós formamos desde aquele dia onde tudo era escuridão. Onde eu não poderia dizer com certeza como a língua dela estava no céu da boca e nem ela saberia descrever a cor dos meus olhos. Ainda assim... éramos uma família. Então eu poderia te contar sobre como nós corremos sozinhas no centro da cidade e como isso era foda. Duas mulheres juntas são foda pra pepeca. Mas agora que tudo está escuro de novo e a minha casa já não se parece com o meu lar, eu não sei. Não sei mais."

#### CENA 10.

Bruna acordando Natasha que assustada a abraça. Mensagem ameaçadora projetada na mesa.

BRUNA – Desde quando tu tá recebendo essas mensagens?

NATASHA – Faz uns dias...

BRUNA – Por que tu não me contou antes?

NATASHA – Eu não queria te deixar preocupada.

BRUNA – Eu tô preocupada. Mas vai ficar tudo bem. Eu não vou deixar nada acontecer com a gente.

NATASHA – Eu não quero mais ficar aqui. Bruna – E se a gente se mudar? Natasha - Vamos.

(...)

NATASHA - Antes de mais nada, eu só queria dizer que eu sei que eu não deveria ter aberto a porta. Bruna - Se eu soubesse o que tava pra acontecer, não tinha te deixado sozinha em casa.

## CENA 11

Márcio cai sobre a mesa. Bruna apavorada. Natasha em estado de choque.

BRUNA - Que homem é esse? Por que ele tá aqui? O que ele veio fazer? NATASHA - O LIVRO.

BRUNA - O livro? Ele veio te trazer um livro? Tu conhece esse homem? Natasha faz que sim com a cabeça.

BRUNA - Quem é ele, Natasha? Ele tá vivo? Fala alguma coisa!!!

NATASHA - É O MÁRCIO!

BRUNA - O teu orientador? Mas como assim? Tu passou nosso endereço pra ele então?

NATASHA - NÃO!

BRUNA - Ele fez alguma coisa contigo? Natasha? FALA!!!!!!

NATASHA - ELE ME AGARROU BRUNA!

BRUNA - QUE? Tu tá bem?

Tenta se aproximar, Natasha não permite.

BRUNA - Tá, calma, respira, tenta te lembrar: o que aconteceu? (...) Eu vou ligar pra polícia.

NATASHA - NÃO!!!! Ninguém vai acreditar em mim!

Bruna se aproxima do bolso da calça do homem, para pegar o celular.

NATASHA - Não, Bruna, não, não, não.

Bruna pega o celular, mostra pra Natasha, público recebe no celular as mesmas coisas que elas veem.

## CENA 12.

Amarrando o homem sobre a mesa. Todas as falas são gravadas ao vivo e enviadas para o grupo.

NATASHA - Ju, tu não tem noção da quantidade de coisas sobre mim que ele tinha arquivado. Ele tava decidido a me perseguir. Quando dizia que não adiantava bloquear, acho que eu ainda não tinha entendido o que ele tava querendo dizer.

BRUNA - Eu não direi o que aconteceu, só sei que ele tá desacordado no meio da sala. Ela tentou se defender. A gente precisa se defender.

AS DUAS - Ele é um doutor, pai de família, professor de universidade. Assim como eu, ninguém cogita que ele fosse capaz de fazer uma coisa dessas, entende?

NATASHA - Mari, tua mãe é advogada né? Tô precisando muito falar com ela.

BRUNA - Eu vi todas as mensagens que ele mandou, não sei a quanto tempo ela tá tentando falar com ela e ele pode estar falando com outras pessoas também!

NATASHA - Na delegacia, a minha palavra contra a dele e aí?

BRUNA - Ele matou a nossa gata! E eu tenho certeza que ele veio aqui pra nos matar também.

NATASHA - Até tudo acontecer eu ainda não tinha entendido o que ele veio fazer na minha casa.

BRUNA - É óbvio que eu tenho certeza que ele agarrou ela, Por que ela ia inventar uma coisa dessas? Por que tu tá perguntando se isso é verdade?

NATASHA - Ele chegou de surpresa e insistiu pra entrar. Disse que tinha um livro pra me dar. Que livro mesmo? Aí ele entrou e parou ali. Ou ali. E disse 'Eu nunca pensei que tu ia abrir a porta pra mim'. Por que eu abri a porta pra ele? Aí ele chegou por trás de mim. Me agarrou. Tirou a calça. E depois disso eu não consigo me lembrar de mais nada porque foi tudo muito rápido. Tu acredita em mim, não acredita?

Bruna puxa uma fita. Elas se aproximam do corpo. Blackout.